

ESPIRITUALIDADE DE PAZ PELO RETORNO AO LOGOS

*Prof. Ms. Pe. Samuel Brandão de Oliveira**

Resumo

Em um contexto marcado pelo secularismo, propõe-se um conceito de espiritualidade cristã como a vivência cotidiana da vida “em Cristo” e “segundo o Espírito”, a qual recorda a cada momento histórico aspectos da vida e da mensagem de Cristo que se fazem mais necessários. Após uma visão do contexto atual, no qual se constata um abandono da razão que enseja violência, nota-se que o aspecto mais necessário a ser recordado do Evangelho é a paz. Para isto, no entanto, se faz necessário um retorno à razão, ao *Logos*, cuja natureza é contrária à violência.

Palavras-chave

Espiritualidade. Paz. Razão.

Résumé

Dans un contexte marqué par le sécularisme, on propose un concept de spiritualité chrétienne comme le vécu quotidien de la vie “en Christ” et “selon l'Esprit”, qui rappelle à chaque moment historique les aspects de la vie et du message du Christ qui sont les plus nécessaires. Après un aperçu du contexte actuel dans lequel il y a eu un abandon de la raison qui engendre la violence, on note que l'aspect plus nécessaire d'être rappelé de l'Évangile est la paix. Pour cela, cependant, il est nécessaire un retour à la raison, au *Logos*, dont la nature est contraire à la violence.

Mots-clés

Spiritualité. Paix. Raison.

Conceito de Espiritualidade Cristã

A acentuação do fenômeno da secularização e, em concomitância e influenciado por este, o crescimento de movimentos e experiências religiosas de tendência individualista, relegam cada vez mais o Cristianismo ao âmbito da vida privada, impedindo-o de exercer o seu papel transformador na sociedade.

Faz-se necessário, portanto, neste contexto, encontrar um conceito de espiritualidade cristã que evite toda possibilidade de separação entre a experiência de fé e a vida cotidiana. Em definitivo, faz-se necessária uma espiritualidade baseada no Mistério da Encarnação, que contribua para a missão dos cristãos de serem fermento da massa, sal da terra, luz do mundo.

É importante, para isto, partir do conceito de espiritualidade cristã como um determinado modo de viver no cotidiano a vida “em Cristo” (cf. 2Cor 5,17-18) e “segundo o Espírito” (cf. Rm 8,1-17), à qual se deve aderir pela fé em Jesus Cristo (cf. Rm 1,16-17), tem como motor a caridade de Cristo derramada no coração do cristão pelo Espírito que impulsiona sua ação (cf. 2Cor 5,14; Rm 5,5; Gl 5,6) e se exprime ao se dar a razão da esperança em uma sociedade cada vez mais multicultural (cf. 1Pd 3,15). Na sua riqueza de expressões, a vivência dessa espiritualidade no dia a dia testemunha aspectos da vida e da pessoa de Jesus, os quais o Espírito quer recordar em um determinado período histórico, em uma certa situação na qual a memória desses aspectos se faz mais necessária.

Tendo expresso este conceito, percebe-se que, ao se falar de espiritualidade, não se está cuidando de um determinado aspecto da existência humana, mas de algo que a engloba em sua totalidade. Nesta perspectiva, não se vive a espiritualidade cristã à margem da história, mas dentro dela. Assim sendo, tal conceito corresponde à revelação bíblica, pois nela há uma visão unitária do ser humano que age sob a ação constante de um Deus próximo que o interpela em todas as circunstâncias.

Do abandono da razão à crise de valores

Com origem neste conceito, poder-se-ia perguntar: qual expressão da espiritualidade cristã responde melhor aos desafios do nosso tempo? Qual o aspecto da vida e da pessoa de Cristo que é mais necessário ser recordado pelo Espírito mediante o testemunho cristão na sociedade hodierna?

Para responder a estes questionamentos, faz-se necessário se ter uma visão sobre a realidade com base na Palavra de Deus. Como resultado dessa contemplação, constata-se a repetição da circunstância da humanidade descrita na reflexão pós-exílica dos primeiros capítulos do livro do Gênesis¹, onde ao afastamento do ser humano da hw"hy>-rb;d> (Palavra de YHWH), mediante a qual Deus criou o mundo perfeitamente ordenado e por meio da qual mantém a justiça e a ordem², e ao conseqüente rompimento da comunhão da pessoa humana com Deus, segue o aniquilamento do irmão³. Com o crescimento da injustiça, da desordem e do pecado, a violência assume proporções tão grandes ao ponto de submeter toda a criação: “E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque corrompeu toda a carne o seu caminho sobre a terra. E disse Deus a Noé: O fim de toda a carne chegou diante da minha face; porque a terra está cheia de violência por causa deles; e eis que os destruirei com a terra.” (Gn 6,12-13).

Verifica-se, também, hoje, uma situação muito semelhante àquela dos contemporâneos de Paulo, descrita no primeiro capítulo da Carta aos Romanos, que trata de uma defecção da razão por parte dos gentios⁴, no que se refere à recusa de Deus que se dá a conhecer por via das suas obras e à conseqüente idolatria (cf. Rm 1, 19-20), ao que segue uma defecção dos padrões éticos. Deste modo, Paulo pode afirmar que Deus “entregou” o ser humano à sua inteligência incapaz de discernir, à sua razão incapaz de situar-se na sua realidade e de tomar decisões de acordo com a mesma razão, praticando o que não convém: ὁ θεος εἰς ἀδικίαν ἡν ἠὲ ποιεῖται. ἡ κακία (Rm 1,28), o que enseja toda sorte de injustiça e violência, como se vê enumerado em Rm 1, 29-31.

Em um discurso pronunciado no ano de 2002, porém muito atual, João Paulo II descreve e busca as causas da situação da sociedade contem-

¹ Para J.-L. Ska, Gn 1-11 tem a função de explicar à comunidade pós-exílica, sem que esta tenha que recorrer ao pensamento mesopotâmico, “a origem do mundo, a origem do mal, a situação penosa da vida atual, (...)”. SKA, J.-L. *O Canteiro do Pentateuco, Problemas de composição e de interpretação – Aspectos literários e teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 35.

² Cf. BOADT, L. Gênesis. In FARMER, W. R. (org.). *Comentario Bíblico Internacional – Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. Fonasa: Verbo Divino, 2000, p. 320.

³ Caim, de fato, considera seu irmão um lb,h,, um “sopro”, um nada (cf. Gn 4,1-9).

⁴ Segundo J.N. Aletti, no entanto, Paulo não teria sob sua mira em Rm 1,19-32 somente os gentios, sendo que “um versículo como 1,23, no qual é óbvia a alusão ao bezerro de ouro (Sl 106 [105],20), mostra por sua vez que o Apóstolo enumera entre os idólatras também os israelitas do passado. Mas, se dirá: o Israel dos tempos de Paulo não tinha nada que fizesse pensar a um povo idólatra propenso como era à fidelidade à aliança. Certo, mas não nominando nem os pagãos nem os hebreus, utilizando-se de uma denominação genérica - “os homens que...” - Paulo quer evitar qualquer designação impetuosa. ALETTI, J.-N. *La Lettera ai Romani – Chiavi di lettura*. Roma: Borla, 2011, p. 22.

porânea, a qual, também ela, após a sua recusa de Deus, cai em uma crise ética:

Infelizmente, nos meados do passado milênio teve início, e desenvolveu-se particularmente a partir do século XVIII, um processo de secularização que pretendeu excluir Deus e o cristianismo de todas as expressões da vida humana.

O ponto de chegada deste processo foi muitas vezes o laicismo e o secularismo agnóstico e ateu, isto é, a exclusão absoluta e total de Deus e da lei moral de todos os âmbitos da vida humana.

Desta forma, a religião cristã foi relegada para os confins da vida privada de cada um⁵.

Também o então Card. Joseph Ratzinger, utilizando-se de termos mais filosóficos, realiza o mesmo esforço no seu discurso proferido em Subiaco, berço do movimento beneditino, em abril de 2005, na sua última conferência pública antes de ser eleito papa com o nome de Bento XVI:

Na época do iluminismo se tentou entender e definir as normas morais essenciais dizendo que estas seriam válidas ‘etsi Deus non daretur’, mesmo que Deus não existisse. Na contraposição das confissões e na crise iminente da imagem de Deus se tentou manter os valores essenciais da moral fora das contradições e procurar para eles uma evidência que os tornasse independentes das múltiplas divisões e incertezas das várias filosofias e confissões. Assim se quis assegurar as bases da convivência e, mais amplamente, as bases da humanidade. Naquele tempo pareceu possível, enquanto as grandes convicções de fundo criadas pelo cristianismo em grande parte resistiam e pareciam inegáveis. Porém, as coisas não estão mais assim. A busca por uma tal certeza asseguradora, que possa permanecer incontestada além de todas as diferenças faliu. Nem mesmo o esforço, verdadeiramente grandioso, de Kant esteve em grau de criar a necessária unânime certeza. Kant negou que Deus possa ser conhecido no âmbito da razão pura, mas, ao mesmo tempo, tinha representado Deus, a liberdade e a imortalidade como postulados da razão prática, sem a qual, coerentemente, para ele não seria possível nenhum agir moral. A situação do mundo atual não nos faz pensar novamente que ele possa ter razão? Queria expressar-me com outras palavras: a tentativa, levada ao extremo, de plasmar as realidades humanas excluindo completamente a Deus nos conduz sempre mais à beira do abismo ao colocar totalmente o homem a parte⁶.

⁵ JOÃO PAULO II, Discorso ai partecipanti al III Forum Internazionale della Fondazione Alcide De Gasperi. *L'Osservatore Romano*. Roma, 24 fev. 2002, p. 4.

⁶ RATZINGER, J. L'Europa nella crisi delle culture. *Communio* 200 (2005) 27.

O afastamento do *logos* como razão, a recusa em reconhecer a Deus ou essa tentativa que caracteriza a secularização de viver “etsi Deus non daretur”, axioma traduzido nos dias atuais por “como se Deus não existisse”⁷, o que distorce sobremaneira a sua compreensão, produz uma situação na qual a pessoa humana corre o “risco de cair no relativismo ideológico e de ceder ao nihilismo moral, declarando por vezes bem o que é mal e mal o que é bem”⁸, o que causa também na sociedade hodierna toda sorte de violência, de atentado contra a vida e a dignidade humana.

Espiritualidade da paz pelo retorno ao *Logos* e pela misericórdia

Ante tal situação, pode-se, portanto, afirmar que o aspecto da mensagem cristã que mais necessita ser testemunhado hoje é a paz. Os tempos atuais necessitam de uma espiritualidade de paz, precisam da paz que é Cristo (cf. Ef 2,14-22). Mais ainda, solicitam de uma espiritualidade cristã autêntica que faça cada seguidor de Jesus Cristo um operador da paz.

Já o antigo povo de Israel esperava um Messias que devia vir estabelecer a paz sobre a terra. Um dos mais belos poemas da Bíblia, o qual se encontra no capítulo 11 de Isaías, faz ver esta expectativa.

Da descendência de Davi (v. 1), cheio do Espírito do Senhor (v. 2) é reflexo da sua santidade e da sua justiça (vv. 3-5). É aquele que restabelecerá a harmonia e a paz existentes no paraíso antes do afastamento da pessoa humana do seu Criador (vv. 6-8). Neste tempo “não se fará mal nem violência em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.” (V.9).

Ao se comparar, no entanto, tais afirmações com algumas palavras de Jesus no Evangelho, isto pode causar perplexidade: “Não penseis que vim trazer a paz à terra. Não vim trazer paz, mas espada.” (Mt 10, 34). E ainda: “Eu vim trazer fogo à terra, como desejaria que já estivesse aceso.

⁷ Diante das graves consequências do secularismo J. Ratzinger, inspirado em B. Pascal, propõe: “Deveríamos então modificar totalmente o axioma do iluminismo e dizer: também quem não consegue encontrar o caminho da aceitação de Deus deveria de qualquer maneira procurar viver e orientar a sua vida ‘veluti si Deus daretur’, como se Deus existisse. Este conselho já dado por Pascal aos amigos incrédulos, é o conselho que queremos dar também hoje aos nossos amigos que não creem. Deste modo ninguém tem a sua liberdade limitada, mas todas as nossas realidades encontram um alicerce e um critério do qual tem urgentemente necessidade”. RATINGER, J. L’Europa nella crisi delle culture. *Communio* 200 (2005) 27.

⁸ JOÃO PAULO II, Discorso ai partecipanti al III Forum Internazionale della Fondazione Alcide De Gasperi. *L’Osservatore Romano*. Roma, 24 fev. 2002, p. 4.

(...). Julgais que Eu vim estabelecer a paz na terra? Não, Eu vo-lo digo, mas antes a divisão.” (Lc 12, 49.51).

Sabe-se bem que o fogo é entendido como algo que purifica, produz um processo de discernimento, de separação das impurezas. A paz que Jesus traz, portanto, passa por um processo de mudança de mentalidade, pelo discernimento de Deus por via de sua Palavra encarnada que “é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração.” (Hb 4, 12).

Portanto, a paz do Messias não é aquela que o mundo oferece (cf. Jo 14, 27). Não é a “pax romana”, a paz do túmulo garantida pela pedra, pelos selos que a lacravam e pelos soldados que garantiam a tranquilidade da ordem estabelecida imposta à força pelo Império Romano⁹. Não é a “pax et securitas” augustanas, *slogan* da propaganda política do Império nas províncias conquistadas¹⁰. Não é a paz dos “poderosos” atuais, os quais, numa luta hercúlea pelo domínio econômico e ideológico sobre o mundo, buscam destruir todos aqueles que ao menos podem ser suspeitos de apresentar uma ameaça aos seus planos enchendo a terra de violência (cf. Gn 6,11).

Que paz, então, é esta que Cristo traz?

O apóstolo Paulo, na Carta aos Filipenses, pede: “Que vosso amor cresça cada vez mais em conhecimento e em toda sensibilidade, a fim de poderdes discernir o que mais convém, para que sejais puros e irreprováveis no dia de Cristo, cheios do fruto da justiça, que nos vem por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus”. (Fl 1,9-11).

Dentre os contatos temáticos e semânticos que existem entre este texto e Rm 1,28, versículo acima citado, destaca-se a utilização do verbo dokima, zw (discernir) no infinitivo em Filipenses (dokima, zein) e no aoristo em Romanos (evdoki, masan), o qual é fundamental para a moral paulina. Inserem-se, no entanto, em Filipenses, além de avga, ph (amor)

⁹ Assim J. D. Crossan e J. L. Reed descrevem a “pax romana”: “Augusto escreveu em seus Atos que ‘as vitórias asseguravam a paz’. Bem aventurados os que fazem a guerra para obter a paz. A pax romana não era mera qualidade estática ou simplesmente ausência de guerra, mas busca dinâmica exigindo vigilância constante e desejo permanente de batalhar contra o inimigo”. CROSSAN, J. D. – REED, J. L. *Em Busca de Paulo – Como o apóstolo de Jesus após o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 100.

¹⁰ Cf. ELLIOTT, N. *Libertando Paulo – A Justiça de Deus e a Política do Apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 250.

que em Paulo é o critério para o discernimento (cf. Rm 14,1-22), os vocábulos *evpi*, *gnwsij* (conhecimento) e *ai*; *sqhsij* (sensibilidade) como condições para que se possa discernir adequadamente o que convém ao cristão.

A paz, que é o principal fruto da justiça (Is 32, 17), a qual “nos vem por Jesus Cristo” (Fl 1,11), passa, portanto, pela sensibilidade de se perceber o que está à volta, de notar o outro, as suas necessidades, de ver nele um irmão. Em suma, passa pela capacidade de superar a indiferença.

De fato, o Papa Francisco, na sua mensagem para a Jornada Mundial da Paz de 2016, “Vence a indiferença e conquista a paz”, denuncia as consequências nefastas no que diz respeito à paz da falta de sensibilidade para com o próximo e as realidades circunstantes:

A nível individual e comunitário, a indiferença para com o próximo – filha da indiferença para com Deus – assume as feições da inércia e da apatia, que alimentam a persistência de situações de injustiça e grave desequilíbrio social, as quais podem, por sua vez, levar a conflitos ou de qualquer modo gerar um clima de descontentamento que ameaça desembocar, mais cedo ou mais tarde, em violências e insegurança.

Neste sentido, a indiferença e conseqüente desinteresse constituem uma grave falta ao dever que cada pessoa tem de contribuir – na medida das suas capacidades e da função que desempenha na sociedade – para o bem comum, especialmente para a paz, que é um dos bens mais preciosos da humanidade.

Depois, quando investe o nível institucional, a indiferença pelo outro, pela sua dignidade, pelos seus direitos fundamentais e pela sua liberdade, de braço dado com uma cultura orientada para o lucro e o hedonismo, favorece e às vezes justifica ações e políticas que acabam por constituir ameaças à paz¹¹.

Se, de um lado, a indiferença é capaz de produzir a violência e a insegurança, por outro, como modo de se superar essa devastadora falta de sensibilidade para com o outro, o Papa Francisco aponta o caminho de uma cultura de solidariedade, misericórdia e compaixão, cultura esta que tem como fruto a paz¹².

¹¹ FRANCISCO, Mensagem para a celebração do XLIX Dia Mundial da Paz 2016: Vence a indiferença e conquista a paz. *L'Osservatore Romano*. Roma, 17-24 dez. 2015, p. 9.

¹² Cf. FRANCISCO, Mensagem para a celebração do XLIX Dia Mundial da Paz 2016: Vence a indiferença e conquista a paz, p. 9.

Ao lado da sensibilidade no texto paulino de Fl 1,9-11 está o conhecimento, conhecimento de Deus, conhecimento este que passa pela experiência¹³.

Acredita-se ser este o conhecimento de que fala o último versículo do poema messiânico de Isaías, há pouco citado, o qual diz que o fim da violência provém do conhecimento do Senhor que encherá toda a terra (v.9).

Na mesma linha, Miqueias, em um texto paralelo a Isaías (2,1-5)¹⁴, fala de dias em que as nações subirão ao monte do Senhor para conhecer os seus caminhos, pois de Sião sairá um ensinamento¹⁵ e de Jerusalém a Palavra do Senhor (cf. Mq 4,1-2). Com origem nesse conhecimento, as nações

[...] forjarão de suas espadas arados e de suas lanças, podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra a outra nação e não se prepararão mais para a guerra. Cada qual se sentará debaixo de sua vinha e debaixo de sua figueira, e ninguém o inquietará, porque a boca do Senhor dos exércitos falou. (Mq 4,3-4).

Para os cristãos o *Logos*, a Palavra de Deus feita carne já se pronunciou desde Sião, já ensinou com sua vida a romper o círculo vicioso da violência com atos às vezes incompreensíveis diante do mundo (cf. Mt 5,39).

De fato, quem age com violência está em contradição com o *Logos*, palavra e razão, como recorda Bento XVI no seu profético discurso na Universidade de Regensburg, na Alemanha, onde cita o imperador bizantino Manuel II, o Paleólogo (1350-1425). Eis as suas palavras:

O imperador, depois de se ter pronunciado de modo tão ríspido, passa a explicar minuciosamente os motivos pelos quais não é razoável a difusão da fé mediante a violência. Esta está em contraste com a natureza de Deus e a natureza da alma. Diz ele: “Deus não se compraz com o sangue; não agir segundo a razão – ‘οὐκ ἔστιν ἡ φύσις τοῦ θεοῦ’ – é contrário à natureza de Deus. (...)”.

Nesta argumentação contra a conversão através da violência, a afirmação decisiva está aqui: não agir segundo a razão é contrário à natureza de Deus.

¹³ Em Rm 1,28 é precisamente a recusa do conhecimento de Deus que leva ao não discernir e ao não fazer o que convém.

¹⁴ Para B. S. Childs, “a documentação relativa à prioridade de Isaías ou de Miqueias não consente nenhuma conclusão. É possível que o texto seja mais antigo do que ambos os profetas e tenha sido inserido em ambas as coleções com pequenas adaptações e variantes. Mas se a idade redacional da composição resta dúbia, o material do texto, em todo caso, é claramente antigo (...)”. CHILDS, B. S. *Isaia*. Brescia: Queriniana, 2005, p. 37.

¹⁵ Em Mq 4,2, mas também em Is 2,3, tem-se hr'AT sem o artigo, o que se traduz por “um ensinamento”.

(...) Aqui gera-se um dilema, na compreensão de Deus e conseqüentemente na realização concreta da religião, que nos desafia hoje de maneira muito direta: a convicção de que o agir contra a razão estaria em contradição com a natureza de Deus, faz parte apenas do pensamento grego ou é válida sempre e por si mesma? Penso que, neste ponto, se manifesta a profunda concordância entre o que é grego na sua parte melhor e o que é a fé em Deus baseada na Bíblia. Modificando o primeiro versículo do livro do Gênesis, o primeiro versículo de toda a Sagrada Escritura, João iniciou o prólogo do seu Evangelho com estas palavras: “No princípio era o λόγος”. Ora, é precisamente esta a palavra que usa o imperador: Deus age “σὺν λόγῳ”, com logos. Logos significa conjuntamente razão e palavra – uma razão que é criadora e capaz de se comunicar, mas, precisamente, enquanto razão. Com este termo, João ofereceu-nos a palavra conclusiva para o conceito bíblico de Deus, uma palavra na qual todos os caminhos, muitas vezes cansativos e sinuosos, da fé bíblica alcançam a sua meta, encontram a sua síntese. No princípio era o logos, e o logos é Deus: diz-nos o evangelista¹⁶.

Acolher a Palavra de Deus feita carne, crer nela verdadeiramente, tornando-se filhos e filhas de Deus, permanecer nela, ser um com Ela é, portanto, necessariamente agir com *Logos*, com razão, indo contra todo e qualquer tipo de violência. É crescer a cada dia em amor, sensibilidade e conhecimento, e discernir o que convém ou não ao cristão a cada escolha que se deve fazer no dia a dia. Deste modo, agindo com *logos* e em comunhão com o *Logos*, viver-se-á uma espiritualidade de paz, fruto da justiça, sendo construtores de uma situação de paz que abrange todos os aspectos da vida, tudo aquilo de que o ser humano necessita para viver em harmonia com Deus, consigo mesmo e com o próximo.

¹⁶ BENTO XVI, *Fede, ragione e università. Ricordi e riflessioni - Lectio magistralis all'Università di Regensburg. L'Osservatore Romano*. Roma, 14 set. 2006, pp. 6-7.

Referências Bibliográficas

ALETTI, J.-N. *La Lettera ai Romani – Chiavi di lettura*. Roma: Borla, 2011.

BENTO XVI. Fede, ragione e università. Ricordi e riflessioni - Lectio magistralis all'Università di Regensburg. *L'Osservatore Romano*. Roma, 14 set. 2006, pp. 6-7.

BOADT, L. Génesis. In FARMER, W. R. (org.). *Comentario Bíblico Internacional – Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. Fonasa: Verbo Divino, 2000, pp. 318-364.

CHILDS, B. S. *Isaia*. Brescia: Queriniana, 2005.

CROSSAN, J. D. – REED, J. L. *Em Busca de Paulo – Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ELLIOTT, N. *Libertando Paulo – A Justiça de Deus e a Política do Apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1996.

FRANCISCO. Mensagem para a celebração do XLIX Dia Mundial da Paz 2016: Vence a indiferença e conquista a paz. *L'Osservatore Romano*. Roma, 17-24 dez. 2015, pp. 8-9.

JOÃO PAULO II. Discurso ai partecipanti al III Forum Internazionale della Fondazione Alcide De Gasperi. *L'Osservatore Romano*. Roma, 24 fev. 2002, p. 4.

RATZINGER, J. L'Europa nella crisi delle culture. *Communio* 200 (2005) 18-28.

SKA, J.-L. *O Canteiro do Pentateuco, Problemas de composição e de interpretação – Aspectos literários e teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2016.

**Prof. Ms. Pe. Samuel Brandão de Oliveira*

Mestre em Teologia Bíblica e Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – Centro Universitário Assunção de São Paulo e Doutorando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.